

A PRODUÇÃO COLABORATIVA DE GRUPOS DE PESQUISA NO PONTÃO DE CULTURA DA UFSC

Clóvis Ricardo Montenegro de Lima¹
Maireli Dittrich²

Resumo: Neste artigo é descrito o processo de implantação do Pontão de Cultura na UFSC, procurando destacar a relevância da produção colaborativa entre grupos de pesquisa. Esta colaboração ocorre de modo não hierarquizado e sem comando. A dinâmica cooperativa facilita o diálogo e a promoção da diversidade cultural dos Pontos. A ética de decidir com base em argumentos contribui para a organização horizontal.

Palavras-chave: pontão de cultura, produção colaborativa, grupos de pesquisa..

1 INTRODUÇÃO

A implantação do Pontão de Cultura na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC a partir de meados de 2007 põe em maior evidência a produção cultural que vem sendo realizada por professores, servidores e estudantes, ao mesmo tempo em que aumenta a superfície de contato destes produtores com a sociedade catarinense. O Pontão expressa uma articulação profunda da UFSC com as políticas culturais do governo federal.

A produção cultural na UFSC parece não diferir muito da realidade de outras universidades públicas federais: ausência de política clara e consistente das administrações, escassez de investimentos e custeio de programação mínima de eventos para esconder a negligência. A UFSC parece reproduzir os interesses da indústria cultural, que se alimenta do acesso restrito aos meios de produção e oferece apenas a opção de consumo de produtos e serviços.

A implantação do Pontão na UFSC implica em, pelo menos, três importantes desafios para a universidade federal. O primeiro desafio é compreender que, apesar de o Pontão ter a função de fomentar, orientar e articular os Pontos de Cultura, não cabe reduzir estes Pontos a reprodutores dos conceitos e das técnicas dominantes na UFSC e vinculados à estética e aos interesses da indústria cultural.

O segundo desafio é fazer com que parceria da Universidade Federal com o Ministério da Cultura – MinC, colaborando com a implantação e o desenvolvimento dos Pontos de

¹ Pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. clovis.mlima@uol.com.br.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Administração na Universidade Federal de Santa Catarina. d.maireli@gmail.com



Cultura, tenha mão dupla, com saídas e entradas de informações, saberes e valores. Assim, do mesmo modo como a UFSC pode fomentar e orientar as iniciativas dos grupos sociais e comunidades, estas iniciativas devem fomentar e orientar a UFSC a ampliar o seu conceito de cultura e incluir a diversidade.

O terceiro desafio é a UFSC ir além da formação estética e técnica das pessoas para trabalhar nas linhas de montagem da indústria cultural e nos meios de comunicação oligopolizados. Isto significa que ela deve incorporar nos seus processos de formação profissional a capacitação para a produção colaborativa e para a preservação e a promoção da diversidade cultural.

Cabe observar que a implantação do Pontão de Cultura na UFSC vem sendo acompanhada, desde o primeiro semestre de 2008, da implantação da Secretaria de Cultura e Artes – Secarte, a primeira pró-reitoria em uma universidade pública federal focada exclusivamente no fomento da produção cultural e artística. Ambos têm sido parceiros desde a sua origem, apesar das visões e funções distintas e complementares.

2 A CONSTRUÇÃO DO PONTÃO DE CULTURA DA UFSC

O projeto de Pontão de Cultura na UFSC toma como ponto de partida a conversação entre produtores culturais e artistas da comunidade universitária, buscando a articulação que dê maior visibilidade e permita o acesso aos recursos oferecidos por meio de editais do MinC. É construído assim um entendimento interno no sentido de maior cooperação e de disposição para o diálogo com setores sociais historicamente marginalizados.

O projeto do Pontão de Cultura inicia a formação de uma rede horizontal dentro da UFSC. Esta rede incipiente identifica suas potencialidades de produzir cultura em sentido amplo, de usar ferramentas pedagógicas para compartilhar esta produção cultural com a sociedade catarinense, de cooperar para que os Pontos de Cultura possam auto-organizar e auto-administrar sua produção, e de incluir esta produção cultural de forma sustentável na rede de agentes comunitários da economia solidária.

Finalmente, a implantação do Pontão de Cultura na UFSC é compromisso com a preservação e a promoção da diversidade cultural, na forma de cooperação com iniciativas locais e comunitárias de produção. A proposta do Pontão compreende a cultura como parte do direito e da cidadania, e as práticas culturais como espaço de afirmação da identidade e de inclusão social. O Pontão quer fomentar o acesso às inovações e linguagens tecnológicas, aos modos autônomos de organização e administração e às formas solidárias e generosas de economia.

Em meados de 2007 é realizada audiência pública na Assembléia Legislativa do Estado, a partir da discussão com parlamentares, com a participação do representante regional Sul do Ministério da Cultura. No segundo semestre de 2007, o grupo do Pontão de Cultura realiza também debate entre os então candidatos na eleição direta para Reitor da UFSC, em que os dois principais candidatos se comprometem a cooperar para a sua efetiva implantação.

O projeto inicial é pensado em torno de quatro eixos: o fazer cultural; a pedagogia do fazer cultural; a organização e administração do fazer cultural, incluindo a organização dos produtos, dos conteúdos e da informação; e a interface econômica do fazer cultural. Ele possui os seguintes objetivos específicos: implantar centro de referência nacional em produção cultural popular e economia solidária; articular e formar rede regional sul de gestores culturais para Pontos de Cultura; implantar biblioteca virtual de música produzida, difundida e usada nos Pontos de Cultura; articular e formar rede estadual de produtores e editores de registros digitais de música; articular e formar rede estadual de educadores populares em capoeira; articular e formar rede estadual e regional de pesquisadores populares de tradições orais; implantar núcleo de referência regional de saberes audiovisuais para registro da produção cultural popular e de movimentos sociais.

O projeto de implantação do Pontão de Cultura na UFSC, submetido ao Ministério da Cultura, no edital de divulgação n. 001/2007, é aprovado pela comissão de avaliação com nota nove e incluído no banco de projetos por meio da Portaria n. 10, de 11 de outubro de 2007. Conflitos políticos e operacionais atrasam a liberação dos recursos, o que só acontece em maio de 2009.

O principal destes conflitos diz respeito à estadualização dos processos de seleção dos novos Pontos de Cultura. Apesar da boa relação e das negociações com a Secretaria de relações institucionais do Minc, o Ministério opta por conceder ao Governo de estado de Santa Catarina a condução deste processo. As dificuldades encontradas pelo Pontão da UFSC são ampliadas pela ação equivocada do Governo do estado de literalmente bloquear a relação com os Pontos de Cultura em implantação.

Além disto, acontece uma interminável discussão entre Ministério da Cultura e Universidade sobre a natureza da cooperação entre as duas. O MinC defende a modalidade convênio, situando a UFSC entre seus parceiros privados. A UFSC defende a descentralização orçamentária para execução de atividades específicas. No final de

2008 o Minc e a UFSC se entendem em torno da simples descentralização de recursos entre órgãos públicos federais.

O Pontão de Cultura da UFSC desde a sua origem procura articular grupos de pesquisa permanentes, que proporcionem ao mesmo a estabilidade que iniciativas com financiamento baseado em editais podem não ter. Os grupos são os seguintes: MOVER, NICA, NESOL, NIEPC e GENESS. Todos são grupos registrados no diretório do CNPq.

O MOVER – Educação intercultural e Movimentos sociais – é um grupo de pesquisa orientado pela pedagogia de Paulo Freire e está comprometido com a formação de educadores populares. Inicialmente esta formação é focada em educadores populares de capoeira, mas está sendo discutida a ampliação deste foco.

A relação entre equipamentos de mídia e os modos de fazer cultura é a base para as oficinas do NICA - Núcleo infância, comunicação e arte. As oficinas versam sobre a formação de pesquisadores populares, buscando desenvolver o diálogo entre mídia e cultura e tentando compreender uso local das mídias como criação, memória e circulação. Quer-se estimular o registro audiovisual, à partilha e a circulação da produção cultural realizada nos Pontos de cultura, procurando oferecer referências para registro criativo numa perspectiva educativa.

As oficinas de Economia solidária são coordenadas pelo NESOL - Núcleo de Estudos e Práticas em Economia Solidária. Elas têm por objetivo estabelecer com os Pontos de Cultura e com outras organizações vinculadas à produção cultural catarinense o compartilhamento de informações que contribuam para que desenvolvam seu potencial de geração de renda, contribuindo sua sustentabilidade no longo prazo.

Esta aproximação e diálogo podem fazer com que as atividades culturais contribuam não apenas para promoção da diversidade cultural, mas também para o desenvolvimento local e solidário.

As oficinas de Gestão Cultural visam proporcionar orientações conceitual e prática aos Pontos de Cultura, que permita administrar os mesmo de modo autônomo e solidário. Pretende-se formar gestores comprometidos com a promoção da diversidade cultural e não com a lógica da indústria cultural. As oficinas serão realizadas pelo NIEPC – Núcleo interdisciplinar de estudos em produção e custos.

As oficinas de uso de software livre, que são desenvolvidas pelo GENESS – grupo de inovação tecnológica, trabalham com a sensibilização para aspectos políticos das estratégias de autonomia tecnológica que perpassam o cotidiano das organizações no

espaço público, em especial àquelas ligadas a educação, a cultura e a cidadania. Elas apresentam conceitos, idéias e práticas do uso de software livre, debatendo o impacto das tecnologias digitais no dia-a-dia.

As oficinas de apropriação tecnológica buscam desenvolver os processos de apropriação da tecnologia digital e dos softwares livres para produção cultural. Elas são realizadas pelo NICA e pelo GENESS, buscando fomentar os formatos abertos e cooperativos. Seu principal objetivo é facilitar o uso de artefatos tecnológicos digitais pelos Pontos de Cultura.

As oficinas são realizadas inicialmente em doze cidades que funcionam como pólos regionais: Florianópolis, Itajaí, Blumenau, Joinville, Campos Novos, São Miguel do oeste, Chapecó, Criciúma, Lages, Tubarão, Caçador e Canoinhas. Não apenas os Pontos de Cultura estão participando das oficinas, mas também outras organizações comunitárias – especialmente aquelas vinculadas a rede catarinense de economia solidária.

Faz parte das atividades do Pontão de Cultura da UFSC o desenvolvimento de uma biblioteca virtual de música. Esta iniciativa é iniciada por professores e estudantes de Ciência da Informação, contando mais recentemente com a colaboração da biblioteca universitária e do GENESS. A principal finalidade da biblioteca é funcionar como um espaço de organização colaborativa de conteúdos musicais, produzidos ou não por Pontos de Cultura, visando a promoção da diversidade.

3 A PRODUÇÃO COLABORATIVA DOS GRUPOS DE PESQUISA

A colaboração entre grupos de pesquisa que está acontecendo no processo de implantação do Pontão de Cultura da UFSC não é algo necessariamente novo. Grupos de pesquisa colaboram usualmente colaboram. O que parece realmente inovador nesta colaboração é o caráter transversal que a caracteriza, “ignorando” as estruturas formais da Universidade e construindo uma rede de produtores culturais orientados para a diversidade democrática e para a inclusão do que está fora dos padrões industriais.

Gorz (2005) fala de um processo rumo a autonomização da produção de conhecimento e de sua capitalização, separando-o do seu suporte material e tornando-o separadamente produtivo. O conhecimento abre então a perspectiva de uma evolução em direção a uma economia da abundância, em que a produção, requerendo cada vez menos trabalho imediato, distribui cada vez menos meios de pagamento. O valor dos produtos tende a diminuir e a causar, cedo ou tarde, a diminuição do valor monetário da riqueza total

produzida, assim como a diminuição do volume dos lucros. A economia da abundância tende por si só a uma economia da gratuidade, tende a formação de formas de produção cooperativa e de consumo fundada na reciprocidade e na partilha, assim como em novas moedas. O "capitalismo cognitivo" é a crise do capitalismo em seu sentido mais estrito. Negri (2003) destaca que a nova organização do trabalho e o próprio novo modo de produção têm por base aquilo que há de mais comum na vida dos homens: a linguagem. A linguagem é o modelo mais rarefeito, embora mais intenso, de economia externa. O comum lingüístico é continuamente reproduzido e enriquecido pelo trabalho vivo. Não há nada de abstrato nesse processo, nada que esteja fora da lógica produtiva: estamos dentro, no ponto mais significativo das novas tecnologias de informação e comunicação.

A linguagem representa a matéria-prima da cooperação produtiva. A emersão do comum da linguagem (e das economias externas) se dá antes de qualquer valor econômico, medido pelo capital como aquilo que é condição de qualquer produção, como patrimônio comum. É preciso tornar comum as “economias externas” do desenvolvimento capitalista, ou seja, reconhecer valor à cultura, ao saber, às habilidades profissionais e todas as condições ecológicas e urbanas que pré-constituem condições da economia capitalista (NEGRI, 2003).

Pode-se definir a produção colaborativa como um processo de criação coletiva, que não possui esquemas hierárquicos ou ordens de comando. Nessa produção os dados podem ser alterados por qualquer um há qualquer momento, desde que este tenha contato com ela. Essa nova forma de organização produtiva cria organizações contrapostas às capitalistas industriais, dando vazão a novos modos de organização social e econômica. As plataformas de produção colaborativa são um sistema que tem como marca a colaboração entre grupos de indivíduos que cooperam para prover informação, conhecimento e bens culturais (BENKLER, 2006).

Nesse novo mecanismo de produção colaborativa em rede existem duas características principais: a descentralização do poder e as motivações sociais. A primeira consiste na não existência de uma pessoa, ou um grupo de pessoas, que gerencia e dá as vozes de comando para a produção fazendo com que o poder esteja com cada indivíduo no momento da sua colaboração. A segunda diz respeito ao interesse de produção específica de dado produto, a qual é fomentada pela motivação social, pelo interesse daqueles que contribuem com dada criação, e não pelas vozes do mercado capitalista industrial (BENKLER, 2006).

Barbrook (2003) observa que os cientistas construíram o código de rede tecnológica à imagem da economia de dádiva. Eles inventaram uma forma de comunicação mediada por computador para compartilhar conhecimento dentro de um espaço virtual - a câmara dos comuns intelectual. Quando a rede se propagou para fora da universidade, seus novos usuários rapidamente descobriram os benefícios de compartilhar conhecimentos. Quando as pessoas podem acessar o trabalho de uma comunidade em troca de seus próprios esforços individuais, não há por que exigirem intercâmbio igual de mercadorias.

A produção colaborativa emerge como sistema técnico social para motivar e organizar as contribuições coletivas humanas por outros meios que não são os contratos e a compensação do mercado. As redes de produção colaborativa têm características participativas e horizontais, entre produtores e usuários, diferentemente das relações entre produtores, mediadores e consumidores do modo de desenvolvimento industrial do capitalismo. (BENKLER, 2006).

Uma das características dos produtos criados pela produção colaborativa em rede tecnológica é a consideração do produto como um *common*, ou, um bem comum. Benkler (2006) conceitua o *common* como algo oposto a propriedade e que se refere a uma forma institucional particular de estruturar os direitos de acesso, uso e recursos de controle do que foi produzido. A informação, o conhecimento e os bens culturais são commons da produção colaborativa tecnológica.

A dinâmica de produção e difusão do saber se afirma assim como algo que se realiza segundo uma “forma organizacional” particular: as redes sócio-cognitivas. A dinâmica de inovação cognitiva torna-se indissociável da dinâmica de construção de vínculo social e de mudança social. Essas redes ligam entre si indivíduos e organizações cujo modo de relação principal não é a hierarquia. Assim, o trabalho nessas redes mobiliza de modo central capacidades de auto-organização de comunicação e de cooperação (JOLLIVET, 2003).

A organização formal da Universidade reproduz uma visão burocrática da sua complexidade, em que as suas unidades operam com baixa comunicação e colaboração praticamente nula. Usualmente cada departamento produz de modo isolado e visa a auto-suficiência. Os grupos de pesquisa reproduzem este comportamento. Isto é agravado pela competição entre grupos e pesquisadores pelos recursos disputados através de editais para seleção de propostas.

O Pontão de Cultura da UFSC propõe e realiza relações horizontalizadas de colaboração sem comando entre grupos de pesquisa. Esta relação pretende se contrapor ao modo prevalente de interação baseada na hierarquia e na competição. Os grupos não estão imunes às pressões do entorno no sentido de reproduzirem aquelas características dominantes, mas a relação com os Pontos de Cultura recorda no cotidiano a inadequação dos comandos hierarquizados.

Os grupos de pesquisa que trabalham no Pontão têm inserção e foco dentro da Universidade: o MOVER e o NICA são do centro de Educação, o NESOL e o NIEPC são do centro Sócio-Econômico e o GENESS e do centro Tecnológico. Estes grupos se articulam em torno da proposta e se concentra no interesse comum: o fortalecimento das redes de Pontos de Cultura para promoção da diversidade cultural.

É este modo de colaboração horizontalizada sem comando que o Pontão procura estabelecer com todos os seus parceiros, especialmente com o Pontos de Cultura. O trabalho em rede implica numa interação dialógica, procurando vencer os desafios apresentados no início deste artigo. A comunicação intensiva e não direcional com os Pontos é fundamental.

Este é um outro princípio que orienta as atividades do Pontão: o agir comunicativo orientando para o entendimento. A opção pela ética discursiva, desenvolvida por Habermas (1989), tem sido o modo procedimental usado para definir as linhas de ação comuns entre os grupos de pesquisa. Cada participante apresenta suas visões e argumenta em defesa das mesmas e busca-se construir o entendimento em torno do melhor argumento racional.

A argumentação toma a forma do discurso que tematiza todas as possíveis informações e explicações relevantes, e as posições dos participantes são motivadas pela força de argumentos que fluem livremente. Isto não implica numa visão ingênua, que ignora conflitos de interesse de poder. Ao contrário, a argumentação torna-se mais importante exatamente quando emergem os conflitos.

As pressuposições mais importantes da argumentação são as seguintes: (a) inclusão e caráter público: não pode ser excluído ninguém que tenha uma contribuição relevante a dar no contexto de uma pretensão de validade controversa; (b) igualdade comunicativa de direitos: todos têm a mesma chance de se manifestar sobre um tema; (c) exclusão da ilusão e do engano: os participantes têm de acreditar no que dizem; (d) ausência de coações: a comunicação deve ser livre de restrições que impeçam a formulação de argumento capaz de por fim a discussão (HABERMAS, 2007).

A professora Gilka Girardelo, coordenadora do NICA, que participa do Pontão desde o seu início, considera relevante a colaboração entre professores e grupos de pesquisa nesta articulação que busca incluir a UFSC no processo de implantação dos Pontos de Cultura e na promoção da diversidade cultural do estado: "Isso tem muito valor, porque a pressão e o excesso de atividades em nossos departamentos de origem em geral não favorecem a expansão dos nossos horizontes de trabalho em direção às parcerias com colegas de outras áreas".

O Pontão reúne pessoas por afinidades culturais, de diferentes áreas do conhecimento, e isto contribui para o seu fortalecimento e facilita a relação com a diversidade cultural: "A expressão 'produção colaborativa e compartilhada de conhecimento' vem ganhando contornos muito mais nítidos e concretos para cada um de nós, como resultado do processo. A sensação de pertencimento a uma rede muito maior de criadores culturais em todo o país cresce a cada iniciativa, agregando sentido ao trabalho de ensino e pesquisa que fazemos na universidade".

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de implantação do Pontão de Cultura na UFSC tem proporcionado uma grande aprendizagem, não apenas para os participantes da iniciativa. O Pontão muda a agenda da cultura e da arte dentro da Universidade. Ela contribui para que professores, servidores e estudantes ampliem a sua visão da cultural, deslocando do foco na produção industrial para uma abordagem que inclui a diversidade.

Esta ampliação é claramente percebida no processo de implantação da Secretaria de Cultura e Artes, que parte de uma visão mais elitista. A inclusão do Pontão na agenda da UFSC obriga a Secarte a ampliar sua aproximação com as diretrizes políticas do Ministério da Cultura e a valorizar dentro da Universidade aqueles grupos de pesquisa e pesquisadores que produzem afinados com elas.

A colaboração entre grupos de pesquisa na implantação do Pontão constitui uma articulação inédita e inovadora dentro da Universidade. Em primeiro lugar, porque agrega grupos e pesquisadores em função de seus desejos, de modo autônomo e não hierarquizado. A articulação no Pontão ocorre materialmente de baixo para cima, e se impõe frente a burocracia como uma iniciativa relevante e pertinente.

Em segundo lugar, porque articula grupos de pesquisa de educação, sócio-econômicos e tecnológicos para atividades culturais. Esta ampliação do conceito de cultura é da maior importância para a UFSC. Apesar de existirem cursos e grupos mais diretamente

vinculados a produção artística, não são estes que engajam na parceria com o Ministério da Cultura.

A construção do Pontão de Cultura sobre a articulação de grupos de pesquisa resolve um dos grandes problemas deste tipo de iniciativa dentro das Universidades: a transitoriedade do corpo discente. O Pontão é diretamente beneficiado pela natureza permanente dos grupos de pesquisa. O processo de participação dos estudantes é regulado por professores orientadores.

A experiência de construção de um Pontão de Cultura na UFSC pode ensinar tanto a rede de Pontões coordenada pelo Ministério da Cultura quanto as Universidades públicas. A rede de Pontões pode compartilhar das tecnologias de formação de educadores e de pesquisadores populares, desenvolvidos por pedagogos especializados críticos e dialógicos, assim como das tecnologias de gestão cultural e de formação em economia solidária.

A biblioteca virtual de música pode ser uma ferramenta poderosa para questionar a atual estrutura de direitos autorais no país e para proporcionar a organização de um acervo musical digital pelos usuários. O fato de uma universidade pública estar organizando um acervo de música para audição *on line* pode criar brechas na legislação para uso e cópia nas bibliotecas. Além disto, a organização de um acervo de música popular constitui um desafio tecnológico mundial.

As universidades públicas podem aprender com o Pontão da UFSC que sua agenda cultural não pode se reduzir à produção eventual de atividades artísticas. A ampliação da agenda com a inclusão da promoção da diversidade, obriga a universidade a avaliar e discutir suas atividades, incluindo a graduação em artes. Esta discussão está vinculada a crítica dos compromissos das universidades públicas com a sociedade.

Finalmente, cabe pensar na articulação entre os Pontos e os Pontões de Cultura que estão vinculados a instituições de ensino superior, especialmente as universidades públicas federais. Uma primeira conversa entre o Pontão da UFSC e o Pontão de Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro é realizada no segundo semestre de 2009. Espera-se que esta conversa prospere, inclua outros parceiros e viabilize uma rede de educadores interessados na promoção da diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

BARBROOK, R. A regulamentação da liberdade: liberdade de expressão, liberdade de comércio e liberdade de dívida na rede. In: COCCO, G; GALVÃO, A. P; SILVA, G. (orgs.). Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BENKLER, Yochai. A economia política dos commons. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Comunicação digital e a construção dos commons: rede virais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.

_____. The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom. USA: Yale University Press, 2006. 515p.

CHAUÍ, Marilena. Cidadania cultural. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

GORZ, A. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.

GUATTARI, F. Micropolítica: cartografias do desejo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HABERMAS, J. Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. Entre naturalismo e religião. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

HARDT, M.; NEGRI, T. Multidão: guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JOLLIVET, P. NTIC e o trabalho cooperativo reticular: do conhecimento socialmente incorporado à inovação sociotécnica. In: COCCO, G; GALVÃO, A. P; SILVA, G. (orgs.). Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LESSIG, L. *Cultura Livre: como a grande mídia usa a tecnologia e a lei para bloquear a cultura e controlar a criatividade*. São Paulo: Trama, 2005.

LIMA, C.R.M; SANTINI, R.M. Produção colaborativa na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Epapers, 2008.

LIMA, Clóvis R.M. et alli. Diversidade cultural e produção colaborativa no Pontão de Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina. PontodeAcesso, Salvador, v.2, n.2, p. 139-154, ago. /set. 2008. Disponível em: www.pontodeacesso.ici.ufba.br . Acesso em: 03.12.2009.

LISBOA, Armando de Melo. Economia Solidária e autogestão: imprecisões e limites. RAE, São Paulo, v.45, n.3, p.109-115, jul./set. 2005.

MARTINS, Paulo Henrique. A dívida entre os modernos. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 99-136

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dívida. Lisboa: Edições 70, 2001.

NEGRI, T. *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DPA, 2003.

PRADO, C.; CAMINATI, F.; NOVAES, T. Sinapse XXI: novos paradigmas em comunicação. In: BARBOSA FILHO, A.; CASTRO, C.; TOME, T. (orgs.). *Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005.

STALLMAN, Richard M. *Software livre para una sociedad libre*. Madrid: Capas, 2004. (Traficantes de Sueños).

UNESCO. Declaração universal sobre a diversidade cultural. Disponível em www.unesco.org.br Acesso em 8 de junho de 2009.